

CAPÍTULO 4

A INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM DEBATE EM TORNO DOS LIMITES

Adriana Silveira²⁵
Hildegard Susana Jung²⁶

1 INTRODUÇÃO

A criança nem sempre foi vista como é na atualidade. Do ponto de vista histórico, as crianças aparecem como categorias quando se começa a separar as pessoas umas das outras e criam-se categorias dentre elas. Antes da modernidade e desta estratificação, as pessoas viviam nos mesmos ambientes, usufruíam das mesmas condições e partilhavam dos mesmos acontecimentos, independentemente de sua idade. Isso significa que a criança era compreendida como um mini adulto (ARIÈS, 1981). Dessa forma, podemos compreender que o próprio conceito de infância é algo relativamente recente, historicamente falando.

Por sua vez, o mundo líquido descrito por Bauman (2007) como inconstante e até vertiginoso, caracteriza um período no qual temos pouco tempo, pouca paciência e muitos afazeres. Nesse cenário, as redes sociais ocupam também uma parcela significativa de tempo, o reduz as horas de conversa com os filhos, com os amigos, com os seres humanos entre si de uma forma geral. Estaríamos, então, retornando a uma “adultização” da infância? Ao observarmos, enquanto docentes, alguns comportamentos, seja na argumentação das crianças, na forma de se vestirem, no uso de maquiagem pelas meninas (ainda pequenas), talvez poderíamos pensar que sim.

A criança precisa de orientação de um adulto para a sua socialização e sua escolarização, pois é nesta fase que se desenvolve a personalidade humana. É uma situação comum hoje em dia, os pais trabalham muito e com menos tempo para se

²⁵ Discente do curso de Pedagogia da Universidade La Salle-Unilasalle, matriculada na disciplina de Trabalho de Conclusão II, sob orientação da profa. Dra. Hildegard Susana Jung. E-mail: adrisilveira09@gmail.com.

²⁶ Doutora em Educação. Docente e coordenadora do curso de Pedagogia na Universidade La Salle Mestre. E-mail: hildegard.jung@unilasalle.edu.br.

dedicarem à educação, evitando dizer não aos filhos. Os filhos, então, têm grande potencial para ser indisciplinados e agressivos, não querendo participar das atividades propostas pelos educadores (MACHADO, 2002).

De acordo com Nogaro, Jung e Conte (2018), cada vez mais se torna frágil o limite entre a criança e o adulto, o que os autores consideram como uma das consequências do mundo líquido contemporâneo. Segundo relatam, no contexto atual, “pais e professores tornam-se cada vez menos sapiens e a informação e opiniões midiáticas ganham mais força e espaço” (NOGARO, JUNG e CONTE, 2018, p. 762) no que se refere ao trato com as nossas crianças.

Também neste sentido, Javeau (2005) se mostra mais veemente, quando acredita que o mundo atual está expulsando as crianças do jardim de infância. Claro que não se trata de uma afirmação literal. O autor acredita que estamos vivendo um retorno da adultização das crianças, não lhes permitindo a experimentação, o lúdico, o ócio, enfim, exigindo delas um comportamento adultizado.

Tomando como ponto de partida as ideias apresentadas, o presente artigo tem como objetivo suscitar o debate em torno da indisciplina na Educação Infantil nos dias de hoje, sob o ponto de vista da falta de limites por parte dos alunos. Após esta breve introdução, apresentamos a metodologia utilizada, seguida do referencial teórico. Na continuação, constam as discussões em torno dos resultados da pesquisa. Fechamos o trabalho trazendo as considerações finais e as referências que embasaram o debate.

2 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa, de abordagem qualitativa, segue as orientações de Gil (2008) no que se refere a uma revisão bibliográfica. De acordo com o autor, as pesquisas qualitativas não utilizam cálculos matemáticos, tampouco variáveis, para a análise de seus resultados. Dessa forma, seguimos suas recomendações, quando explica que os passos de uma pesquisa científica devem incluir “uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório”. Assim, seguindo as orientações do autor citado, a pesquisa seguiu as fases mencionadas, as quais descrevemos na sequência.

Num primeiro momento, reunimos o material de consulta que consistiu, basicamente, em artigos científicos da plataforma Capes Periódicos²⁷, bem como livros do acervo da Biblioteca da Universidade na qual se concebeu a pesquisa, bem como documentos legais. Na sequência, o material foi categorizado de acordo com o objetivo do estudo. A partir daí, perseguindo as questões que foram surgindo relativamente à temática, iniciamos o trabalho de interpretação e redação do artigo, o qual ocorreu de forma coletiva por parte das autoras, utilizando o recurso Google Drive, o qual permite o trabalho síncrono e assíncrono.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

As autoras Vergés e Sana (2012, p. 17) relatam que indisciplina não é algo estático, tampouco uniforme. Pode ser causada pela falta de interesse do aluno e de pouco conhecimento do conteúdo pelo professor, pela vivência familiar e, sobretudo, pelo meio social em que o aluno está inserido.

Neste sentido, Brazelton (2005, p. 46) explica:

Cada criança é única, que dispõe de uma personalidade própria e de um caráter que com certeza é diferente de outros. Sem disciplina, o desenvolvimento moral não ocorreria. Sem a capacidade de entender a perspectiva de outra pessoa, a regra de ouro não pode ser apropriada. Todavia, não pode ser seguida a menos que uma criança os tenha sido capaz de se apropriar da disciplina dos pais.

No ambiente escolar devem ser conservadas as regras que regulamentem o comportamento e a convivência daqueles que neles estão incluídos. É possível compreender o comportamento a partir deste contexto e promover estratégias pedagógicas que promovam o desenvolvimento dos alunos de maneira individualizada. Entretanto, não podemos deixar de estabelecer os limites, ajudar a controlar impulsos, lidar com suas emoções, respeitar as necessidades, sentimentos e direitos dos outros. Segundo explicam Vergés e Sana (2012, p.56),

A maioria dos comportamentos infantis é aprendida por meio da imitação, da experimentação e da reprodução de gestos e atitudes dos pais, cujas práticas de criação são aspectos que interferem no desenvolvimento infantil e, conseqüentemente, refletem-se no comportamento da criança no ambiente escolar.

²⁷ Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>.

De acordo com as autoras, a escola é como um ensaio para a vida em sociedade e, assim como na sociedade, na escola também precisamos de um conjunto de normas para reger o nosso convívio de forma harmoniosa. Da mesma forma, Piaget (1977) compreende que essas regras precisam ser vivenciadas, compreendidas e discutidas, pois a criança pequena ainda não tem convicções formadas a respeito da origem das regras. A suas ideias constituem apenas indícios de sua vivência em família ou no seu meio social.

Assim, chegamos a um ponto importante, que é o dos limites na vida em família. Neste sentido, “insistentemente nos perguntamos sobre onde chegaremos ou o que se espera do futuro. Qual o espaço para a escola na educação das crianças quando estas estão imersas e envolvidas inteiramente pelos artefatos tecnológicos-midiáticos?” (NOGARO, JUNG e CONTE, 2018, p. 746). De acordo com os autores, a tecnologia tem inúmeros benefícios, mas é necessário saber dosá-la e reservar algum tempo para as conversas, para ócio criativo e para a empatia. Estas estratégias auxiliam a formarmos uma pessoa que tem mais facilidade de relacionamento com os demais e, além disso, compreende seus limites, pois já os está testando nas relações sociais das quais participa.

Segundo Araújo e Sperb (2009) os limites são representados como fronteira a ser respeitada em prol da moralidade. A prática do diálogo é um recurso presente nas narrativas das mães e professoras, assim como a necessidade de tolerância, não somente da parte dos adultos para com os pequenos, mas entre as pessoas de forma geral, sejam estas crianças ou não. De acordo com os autores, a infância é a fase na qual nós nos conhecemos como parte integrante da sociedade. Na escola é possível vivenciar isso, conhecer a respeito do mundo, conhecer também muitas crianças iguais ou diferentes, brincar, divertir-se e experimentar mudanças na sua rotina. Neste momento é que a criança se depara com os limites, pois se em casa tudo pode, a escola é um local no qual é necessário respeitar algumas regras de convivência.

Neste sentido, a pesquisa de Araújo e Sperb (2009) trouxe narrativas de mães e professoras com relação à construção dos limites na vida das crianças durante a Educação Infantil. Neste estudo, “As professoras atribuem a responsabilidade da falta de limites às famílias, já as mães não percebem a escola como uma aliada no processo de construção de limites” (ARAÚJO, SPERB, 2009). Ambas, entretanto,

demonstram muitas dúvidas e culpa no que tange ao processo de construção dos limites das crianças nesta fase.

3.1 A síndrome do Imperador: desafios para a educação contemporânea

De acordo com Zolet (2019), crianças que mandam na casa, são agressivas com os pais, com as babás e com os professores, escolhem o que vão comer, o que vai ser visto na televisão até mesmo o horário para ir dormir, sofrem da síndrome do imperador. A autora explica que

Esta síndrome é resultado de uma série de fatores, incluindo as mudanças socioculturais da última década que levaram os pais a terem menos tempo para ficar com os filhos e, por isso, ficam mais propensos a aceitar as birras e a superproteger, compensando, assim, a ausência. Outro condicionante é o modelo de educação autoritária na qual os pais foram submetidos, ou seja, ambientes de muita repressão, mágoas e culpa. Para fugir dessa matriz e não a replicar, muitos pais acabam afrouxando as rédeas e tornam-se reféns emocionais dos filhos ao serem lenientes com caprichos e birras deles (ZOLET, 2019, p. 64).

O mais grave é que, segundo a autora, quando a síndrome do imperador não é devidamente tratada, a mesma pode evoluir para casos mais graves, bem como patologias, como o Transtorno Opositivo-Desafiador (TOD). A doença se caracteriza pela agressividade e violência, e seu tratamento exige terapia individual e familiar, além de medicamentos, quando for o caso.

Por outro lado, Viana (2013, p.46) explica que a “passividade e permissividade dos pais resulta, gradualmente, em resignação”. Por isso acaba sendo frequente observarmos, principalmente perante as queixas da escola com relação ao comportamento dos filhos com a síndrome do imperador, pais que se mostram resignados com a condição de seus filhos, numa atitude passiva e resignada com a situação.

3.2 A atuação docente na construção dos limites

Como explica Vergés (2012), para que a construção do desenvolvimento cognitivo na Educação Infantil ocorra com sucesso, é preciso que o professor considere, na organização do trabalho educativo, pontos como: a interação das crianças de mesma idade e de idades diferentes; a individualidade e a diversidade; o

grau de desafio colocado pelas atividades, que devem ser significativas. Como podemos perceber, a escola se apresenta como um dos primeiros espaços de socialização da criança e, portanto, quanto mais houver interação com as outras crianças e com um espaço que não é o lar, mais facilmente ocorrerá a construção do desenvolvimento cognitivo, processo que também ocorre paralelamente à percepção de que há regras de convivência que precisam ser respeitadas.

O docente deve procurar as causas para a falta de limites. Geralmente, não se trata de uma causa única, e esta pode ser interna e também externa à escola. O professor pode ver se a causa está nas influências midiáticas-tecnológicas, como quando há o consumo de programas e/ou jogos de conteúdo inadequado para a idade da criança, ou se existe a causa está no ambiente familiar. Neste sentido, Garcia (1999, p. 104) explica que, frequentemente, “na própria relação entre professores e alunos habitam motivos para a indisciplina, e as formas de intervenção disciplinar que os professores praticam podem reforçar ou mesmo gerar modos de indisciplina”. Ou seja, atitudes violentas e repressoras também poderão causar revolta e violência.

Na prática, se desejamos que a educação escolar que venha a representar mudanças (FREIRE, 1991), deve-se cultivar uma postura - sobretudo entre os professores - de interesse e compromisso pelas metas, realizações e problemas dos estudantes, bem como de apoio às suas atividades curriculares e extracurriculares. Significa, de acordo com o autor, que o diálogo se constitui em uma estratégia valiosa na construção dos limites e da disciplina escolar, uma vez que levará em conta o contexto do aluno, oferecendo-lhe a oportunidade de expressar-se sobre os seus dilemas e as suas dificuldades, bem como sobre suas conquistas e alegrias.

3.3 Análise e discussão dos dados

A escola se trata de um local de aprendizagem e convívio social. Trata-se do primeiro círculo de convívio da criança fora do seio familiar.

3.4 O mundo líquido e a sociedade contemporânea

Hoje em dia as relações estão cada vez mais líquidas, como alerta Bauman (2007), ou seja, se dissolvem rapidamente e as crianças também estão neste mundo

sem entender o que se passa. Observamos, seguidamente, que seus pais não conseguem mais constituir aquelas relações sólidas que existiam no passado. Assim, a busca pela felicidade nos momentos passageiros faz com que a criança não estabeleça laços para a vida toda.

Nesse cenário, muitas vezes as crianças ficam sem referência em sua vida, pois um dia seus pais estão juntos e em outro momento não estão mais. Assim, sucessivamente, outros aspectos da vida como o trabalho da pessoa responsável, o lugar de moradia, tudo pode mudar muito rapidamente. Como professores, presenciamos esses ocorridos com bastante frequência.

Podemos perceber que, assim como explica Bauman (2007) e Sousa Santos (2002), há certa inconstância nas relações, o que causa, como dizem, uma vertigem, uma desorientação nos mapas. Outra questão perceptível apontada pelos autores é o consumo, o qual se torna tudo tão descartável, que inclusive os relacionamentos entram nesse patamar. Assim, a crise da sociedade contemporânea reside na efemeridade das relações, nas aparências. Neste sentido, as redes sociais facilitam muito os relacionamentos, pois na rede social a pessoa é bonita, vive bem, é um "cidadão de bem". Entretanto, nem sempre a realidade condiz com o que se apresenta.

3.5 A questão da maturidade dos pais

Não raro, nós professores nos deparamos com uma espécie de desabafo dos pais dos nossos alunos no que se refere à tarefa de colocar limites aos seus filhos: "Não sei mais o que fazer!". Estaríamos vivendo uma crise de limites? Autores como Garcia (1999) explicam que os pais se culpam muito pela falta de tempo para com seus filhos, agindo então ora muito permissivos e ora muito autoritários. Dessa forma, as crianças perdem a referência sobre o que podem e o que não podem fazer. Quando isso ocorre, não conseguem se organizar nas tarefas diárias de casa, pois os pais, sendo permissivos, deixam as sem uma rotina a ser seguida.

A questão da rotina e da colocação de limites à criança demanda grande maturidade por parte dos pais, além de tempo. Este parece ser, segundo Bauman (2007), um dos fatores mais preciosos e mais raros no mundo líquido. É necessário ter tempo para o trabalho, para a família, para a escola, etc. Além disso, a tecnologia

acabou tornando mais líquido ainda nosso tempo, pois as demandas do trabalho chegam a qualquer momento e não mais somente no período em que estamos no trabalho. Além disso, há a questão das redes sociais, que também tomam tempo dos pais. Neste sentido, de forma ainda bastante tímida, começamos a perceber algumas campanhas de otimização do tempo, de atenção às crianças, as quais esperamos que possam tomar uma proporção mais robusta em breve.

3.6 A escola como lugar de construção de limites e valores para pais e filhos

Quando a criança não aprende limites em casa, na escola os professores muitas vezes têm de fazer o papel dos pais. Seja ouvindo o que as crianças têm para falar, seja explicando o que pode e o que não pode ser feito. A escola é o primeiro ensaio da criança para a vida em sociedade e, portanto, é lá que a questão dos limites é colocada à prova, uma vez que o espaço escolar precisa contemplar a diversidade, a inclusão e o ritmo de cada um, de cada uma.

Uma criança que não se sente amada em seu lar pode refletir na escola a agressividade e a falta de limites, como explicam Zolet (2019) e Viana (2013). Dessa forma, como professores, percebemos que a escola muitas vezes, ao mesmo tempo em que precisa construir limites e valores na vida das crianças, também precisa educar os pais. Daí a importância da participação da família na vida escolar, de maneira que formemos uma comunidade educativa, baseada no diálogo, no respeito mútuo e no acolhimento, como ensina Freire (1991).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo traz muitas reflexões sobre a questão dos limites na escola e, inclusive, na família. Foi possível compreender que a crise de limites para as crianças da Educação Infantil, o que muitas vezes ocorre inclusive em casa, tem relação com o comportamento de pais permissivos e pouco afetivos.

A indisciplina das crianças tem muita relação com a maneira como são tratadas nos primeiros anos de suas vidas, bem como com a maturidade dos pais. Nesse contexto, a escola se apresenta como um lugar de construção de limites e de valores, tanto para as crianças, como também para os pais.

Ficam ainda muitos questionamentos e novas reflexões possíveis, como o papel das redes sociais no agravamento da crise de limites, pois as mesmas acabam ocupando uma grande parcela do já escasso tempo dos pais junto aos seus filhos. Outro viés de questionamento se encontra no uso que fazemos da tecnologia. Seria ela também uma das razões pelo encurtamento do tempo que estamos perdendo para o convívio familiar?

O que podemos afirmar, levando em conta a nossa experiência docente, bem como as leituras realizadas, é que a escola é um lugar de convivência e de construção de valores e de limites, pois é nela que as crianças ensaiam a sua vida social. Dessa forma, cabe a nós, educadores, buscar mais e mais a inclusão das famílias nas nossas práticas escolares e na construção conjunta de valores e de limites na vida das crianças, como uma verdadeira comunidade educativa.

5 REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, M; KREUTZ, L. Decorrências da Representação sobre o papel docente na construção de limites com crianças da Educação Infantil: desafios e possibilidades. *In: Anais do V Congresso Internacional de Filosofia e Educação*. 2010. p. 17-20.
- ARAUJO, G. B.; SPERB, T. M. Crianças e a construção de limites: narrativas de mães e professoras. **Psicologia em estudo**. Maringá. vol. 14, n. 1 (jan./mar. 2009), p. 185-194, 2009.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BAUMAN, Z. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Editor Jorge Zahar, 2007.
- BRAZELTON, B. As Necessidades Irredutíveis da Criança. In: J. Gomes Pedro. **Mais Criança: As Necessidades Irredutíveis**. Lisboa: Clínica Universitária de Pediatria, Faculdade de Medicina de Lisboa, p. 45-51, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de desenvolvimento**, n. 95, p. 101-108, 1999.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- INDALÉCIO, A. B.; RIBEIRO, M. G. M. Gerações Ze Alfa: os novos desafios para a educação contemporânea. **Revista UNIFEV: Ciência & Tecnologia**, v. 2, p. 137-148, 2017.

JAVEAU, C. Criança, infância (s), crianças: que objetivo dar a uma ciência social da infância? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 379-389, maio/ago.2005.

MACHADO, P. **Comportamento Infantil**: Estabelecendo limites. Porto Alegre: Mediação, 2002.

NOGARO, A.; JUNG, H. S.; CONTE, E. Infância: desaparecimento ou metamorfose?. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 18, n. 3, p. 745-765, 2018.

PIAGET, J. **O Julgamento Moral na Criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1977

SOUSA SANTOS, Boaventura. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. Lisboa: Leya, 2013.

VERGÉS, M. R. M.; SANA, M. A. **Limites e indisciplina na Educação Infantil**. Campinas, SP: Alínea, 2009.

VIANA, S. Um Mundo Grande Demais: Psicopatologia do Desenraizamento e Juventude. **Interações: Sociedade e as novas modernidades**, n. 25, p. 40-54. 2013.

ZOLET, L. **Síndrome do Imperador**: Entendendo a mente das crianças mandonas e autoritárias. Foz do Iguaçu: Epígrafe Editorial e Gráfica LTDA, 2017.